

ARQUITETOS ESTRANGEIROS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE E A DOCUMENTAÇÃO DAS OBRAS DE JOZEF ENGELBERG

Lucas Moraes Moreira (IC) e Felipe de Araujo Contier (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Durante o início da verticalização da cidade de São Paulo o curso de Arquitetura da Universidade Mackenzie começou a formar seus primeiros egressos, dentre os quais havia uma forte presença de imigrantes. Um desses egressos foi Jozef Engelberg, que junto com seu amigo Pedro Mahler, outro imigrante judeu formado na Escola de Engenharia Mackenzie, fundaram a construtora Engelberg Mahler, que desfrutou do período de crescimento econômico e verticalização da cidade de São Paulo erguendo 19 edifícios na cidade. Pelo impacto que esse período teve na transformação da paisagem da cidade o registro da trajetória desses profissionais ajuda a compreender as ideias e as conjunturas da arquitetura durante as décadas de 1950 a 1970.

Palavra chave: Engelberg Mahler; História da arquitetura; Arquitetura moderna

ABSTRACT

During the beginning of the verticalization of the city of São Paulo, the Architecture course at Mackenzie University began to graduate its first graduates, among whom there was a strong presence of immigrants. One of these graduates was Jozef Engelberg, who, together with his friend Pedro Mahler, another Jewish immigrant who graduated from Mackenzie Engineering School, founded the Engelberg Mahler construction company, which took advantage of the period of economic growth and verticalization of the city of São Paulo, erecting 19 buildings in the city. Due to the impact that this period had in the transformation of the city's landscape, the register of the trajectory of these professionals helps to understand the ideas and the circumstances of architecture during the decades from 1950 to 1970.

Keywords: Engelberg Mahler. Architecture history; Modern architecture

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa de Iniciação Científica “Arquitetos estrangeiros na construção da cidade e a documentação das obras de Jozef Engelberg”, é parte do projeto “Professores e egressos das primeiras faculdades de arquitetura de São Paulo (1947-1956): trajetórias e acervos”¹, que visa investigar as trajetórias profissionais e identificar os acervos documentais dos professores e dos 396 arquitetos formados entre 1947 e 1956 nas duas primeiras faculdades de arquitetura no estado de São Paulo: a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM), criada em 1947, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo, criada em 1948.

O objeto principal desta pesquisa é a obra da construtora Engelberg Mahler, que nasceu da parceria entre o arquiteto Jozef Engelberg e o engenheiro Pedro Mahler, ambos formados na Universidade Mackenzie em 1953. Engelberg nasceu em Katowice, Polônia, e Mahler em Praga, atual República Tcheca. As famílias de ambos se estabeleceram em São Paulo após fugirem da perseguição aos judeus na Europa.

Enquanto estudantes do Mackenzie, Engelberg estagiou no escritório de Oswaldo Bratke e participou do desenho de algumas de suas casas no Morumbi projetadas no início da década de 1950, enquanto Mahler, estudante de engenharia, vendia materiais de construção. Recém-formados, a dupla projetou e construiu pequenas vilas de casas, em bairros como Jardim Aeroporto e Paraíso. Até que um grupo de investidores, a Companhia Predial Arizona, encomendou um grande prédio na Avenida Paulista, o Queen Elizabeth, finalizado em 1961. O edifício residencial é composto por uma torre única e com unidades de 150m² a 214m² com 3 e 4 dormitórios.

Foi o início da construtora Engelberg Maher, que ao longo de aproximadamente 20 anos executou 19 edifícios modernos em São Paulo, ainda pouco documentados, entre os quais o King Charles (1972), o Queen Victoria (1970), o Queen Anne Boleyn (1980) e o Queen Mary (1973). Os nomes de realeza britânica usados em todos os empreendimentos da construtora era uma estratégia de marketing, que contribuiu para a identificação dos edifícios. Segundo os Josef Engelberg² e Pedro Mahler³, eles eram cautelosos e lançavam apenas um prédio por ano, sem nunca ter de recorrer a empréstimos.

As atividades da construtora terminaram após o fracasso comercial do edifício Anne Boleyn (1980) durante a crise dos anos 1980. Após o fim da parceria, Jozef Engelberg

¹ Projeto coordenado pelo prof. Felipe Contier e desenvolvido dentro da linha de pesquisa “Arquitetura e Documentação” do Grupo de Pesquisa Historicidades: Cultura Arquitetônica e Urbana no Brasil.

² Entrevista com Jozef Engelberg realizada em 24/05/2022 em sua residência.

³ Entrevista com Pedro Mahler realizada em 17/05/2022 em seu escritório.

abandonou a arquitetura e se dedicou à fazenda de café e eucaliptos. Pedro Mahler, que ainda mantém escritório da construtora Mahler, teria feito ainda dois condomínios no Litoral Norte de São Paulo.

A pesquisa se desenvolveu a partir de revisão bibliográfica de livros, entrevistas, sites, jornais, revistas, artigos e teses sobre a construtora Engelberg Mahler e, conseqüentemente, sobre a verticalização e a arquitetura moderna da cidade de São Paulo. A principal e mais importante fonte de informações foram as entrevistas realizadas com Pedro Mahler em 17/05/2022 e com Jozef Engelberg em 24/05/2022, que esclareceram todas as dúvidas não encontradas nas bibliografias.

O caminho percorrido nesta pesquisa partiu de artigo publicado pelo jornalista Raul Juste Lores (2020) e buscou entender o momento histórico da atividade da construtora e o modernismo na produção imobiliária vertical. Após reunir as pistas existentes conseguimos realizar entrevistas com Jozef Engelberg e Pedro Mahler.

Outras fontes de dados foram o Índice da arquitetura Brasileira, onde está registrado 1 edifício projetado por Engelberg na Avenida Paulista, publicada pela revista Acrópole; e os acervos dos principais jornais de São Paulo, a Folha de São Paulo e o Estadão nos quais foram encontrados diversos anúncios e publicidade dos prédios realizados pela construtora.

AVENIDA PAULISTA
N.º 21
ESQUINA DA PRAÇA OSWALDO CRUZ

APARTAMENTO
COM ACABAMENTO DE
LUXO E EXCEPCIONAL
CONFORTO

* **APENAS 6% DE ENTRADA**
e o saldo com boas facilidades durante
a construção e após as chaves

O EDIFÍCIO
"QUEEN ELIZABETH"
é o 2.º Empreendimento na Av. Paulista levado a efeito
por este grupo incorporador, tendo sido o primeiro entre-
gue 2 meses antes do prazo previsto.

Preço fixo sem reajuste, a partir de Cr\$ 2.680.000,00.
Prazo certo de entrega com multa contratual.
Todas as garantias de critérios construção associada ao
mais fino acabamento.

INCORPORAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COMPANHIA PREDIAL ARIZONA
Vendas exclusivas a cargo de Mario Lago Negro
(do Sindicato de Corretores de Imóveis)

(PRÉDIO CONDE PRATES)
RUA LIBERO BADARÓ, 293 — 16.º — CONJ. 16-B — TEL. 33-7918
Construção: "CONSTRUTORA ENGELBERG & MAHLER LTDA."

FOLHA DA MANHÃ — Domingo, 14 de dezembro de 1958 — ASSUNTOS IMOBILIÁRIOS — Pag. 3

Figura 1: Anúncio do Edifício Queen Elizabeth

Fonte: Folha de S. Paulo, 14/12/1958, p.3

na avenida **PAULISTA**
- o aristocrático "boulevard" paulistano

edifício **Queen Elizabeth**

Avenida Paulista, 21 - esquina da Praça Oswaldo Cruz



A AV. PAULISTA, EM SUA VISTA DA PRAÇA OSWALDO CRUZ

7 ANOS DE PROGRESSO CONFIRMAM - a família paulistana prefere sempre a Avenida Paulista para residir bem

Construindo e habitando "boulevards" paulistas, a QUEEN ELIZABETH apresenta nobres condições para V.S. morar. O conforto foi cercado de luxo... aristocracia... emoldurado por jardins, piscina infantil, estacion, salas de festas (para copas e coquetês), garagem para todos os carros (inclusive para para-motociclos, entrada e saída independentes), elevadores privativos, elevador de serviço.

Apartamentos de 2 + 4 dormitórios, com living de mais de 40 m² - 170 + 2 banheiros e sala e demais dependências. Acabamento de primoríssima ordem. Preços e condições ideais (fixos, sem reajustes). Prazo curto de entrega, com muito construído. 8.º andar (condomínio em 90 dias) - Fim norte.

CONSETORES (SOLAMENTE NO LOCAL) ATENDIM GENTILMENTE (DAS 9 ÀS 22 HORAS)

ADMINISTRAÇÃO DA COMPANHIA FIDELIA ARIZONA
PROJETO E CONSTRUÇÃO DA CONSTRUTORA ENGELBERG & MAHLER
VENDAS EXCLUSIVAS E GERAL DE **B. J. SIQUEIRA**
Praça Anísio Prado, 33 - 17.º and. - c. 1.709 - Tel. 34-3296
do escritório da Construtora de J. B. S.

pg. 1 - ECONOMIA E POLÍTICA - FOLHA DA MANHÃ - Domingo, 16 de agosto de 1959

Figura 2: Anúncio do Edifício Queen Elizabeth

Fonte: Folha de S. Paulo, 16/08/1959, p.8.

edifício **Queen Dorothea**

RUA SHOPPING CENTER



Edifício com apenas 18 andares, de esquina, 1 apartamento por andar, com 2 garagens privativas cada, 307 m² de área, 4 dormitórios face norte, sendo um com banheiro e vestíbulo exclusivos, 3 banheiros sociais e lavabo, 2 quartos de empregada e grande área de serviço e demais dependências; salão com vista frontal sobre o Clube Pinheiros. Póreo de 17 m², com perfil ornado por rematado planejado, construção sobre pilotis. Circulação perfeita. Banheiros com piso de cerâmica envernizada, copas e cozinhas com azulejos decorativos, paredes em massa cor-de-rosa, caixilhos de alumínio.

Ed. Queen Dorothea construído dentro da tradição de qualidade da construtora que planejou e construiu a "série nobre" imobiliária paulistana:

Queen Elizabeth - Av. Paulista, 21	King Charles - R. Dr. Mello Alves, 742
Queen Anne - Leoncio de Carvalho, 303	King Henry VI - R. Haddock Lobo, 1.454
Queen Mary - R. Visc. de Ouro Preto, 51	Queen Margareth - R. Haddock Lobo, 1.454
King George - R. Cacondá, 499	King James - Al. Tietê, 342
Prince Albert - R. Consolação, 2.270	King Richard - R. Oscar Freire, 1.399
King Edward - Al. Franca, 139	King William - Al. Franca, 467
Queen Victoria - R. Dr. Veiga Filho, 465	King Alexander - Al. Santos, 285

CONSTRUTORA ENGELBERG & MAHLER S.A.
Sede de Vendas Rua 7 de Abril, 342 - 9.º andar - c. 74 - tel. 347019

More "dentro" do Clube Pinheiros, entre o Shopping Center e a Hóbrica. Centro social esportivo de alto padrão junto à Av. Brigadeiro Faria Lima. A localização mais desejada na São Paulo de hoje.

Figura 3: Anúncio do Edifício Queen Dorothea

Fonte: Folha de S. Paulo, 09/05/1971, p.72.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Com a recém conquistada Independência dos cursos de engenharia no final dos anos 1940, a classe dos arquitetos ansiava por afirmar seu status lutando para obter reconhecimento do seu próprio saber. Rino Levi foi um dos maiores reivindicadores desse reconhecimento. Esse foi um período de grandes mudanças no curso de arquitetura do Mackenzie, a formação acadêmica começou a deixar de lado a fidelidade à simetria, o ritmo, a proporção e a harmonia clássicas para se aproximar dos princípios racionalistas que Le Corbusier.

Segundo Lores (2017), a formação desses “novos arquitetos” coincide com um momento de superávit econômico do país, quando a economia brasileira crescia em média 7% ao ano e a população urbana da cidade São Paulo aumentava de forma incrivelmente rápida trazendo uma sensação de “euforia do crescimento” do município, que se traduzia na velocidade e na quantidade de empreitadas. Na legislação, em 1957, o município de São Paulo limita pela primeira vez o coeficiente de aproveitamento e estabelece uma cota mínima que define o tamanho dos apartamentos (210 m² para o coeficiente de aproveitamento igual a 6 e 140 m² para um apartamento para um igual a 4), o que resulta na seleção da classe de renda consumidora. A limitação do aproveitamento de terrenos e uso cada vez mais acentuado do automóvel acentuam o crescimento vertical.

Aproveitando esse período favorável para o setor imobiliário muitos arquitetos criaram as suas próprias construtoras, como os egressos do Mackenzie: Israel Galman, formado em 1950, proprietário da construtora Rio Branco, Majer Botkowski, formado em 1950, proprietário da construtora Esmeralda, Jozef Engelberg, formado em 1953, proprietário da construtora Engelberg Mahler, João Kon, formado 1955, proprietário da construtora Diâmetro; e Anuar Hindi, formado em 1959, proprietário da construtora Hindi, entre outros.

Todos esses, filhos de imigrantes, deram prosseguimento à estratégia comum aos arquitetos estrangeiros formados no exterior que imigraram ao Brasil durante a 2ª Guerra Mundial, que salvo exceções, não puderam atuar como arquitetos no Brasil por falta de documentação, e por isso, montaram construtoras, através das quais obtiveram relativo sucesso comercial.

Com relação à verticalização na cidade de São Paulo, foi utilizada principalmente as obras de Nadia Somekh, que estudou o “urbanismo modernizador” ocorrido em São Paulo.

Segundo Somekh (2014), em São Paulo a adoção do zoneamento não incorporou a faceta social do urbanismo modernista limitando-se ao projeto modernizador da cidade. O modernismo paulistano abraça a maioria dos conceitos do modernismo, mas exclui claramente a questão social. Essa exclusão ocorre principalmente no que tange à verticalização e ao adensamento que poderiam servir para a produção ampliada de moradias de todas as classes de renda e não só para as elites e as classes médias urbanas.



Figura 4: Edifício Queen Victoria

Foto: Acervo Pedro Mahler

Com relação à arquitetura moderna paulistana foi consultada principalmente os livros: São Paulo nas Alturas (LORES, 2017), Arquitetura Contemporânea no Brasil (BRUAND, 1981), Rino Levi: Arquitetura e Cidade (ANELLI, 2020), A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador (SOMEKH, 2014) e a tese: O Arquiteto e a Produção da Cidade: a Experiência de Jacques Pilon e Perspectiva (1930 – 1960) (MELLO, 2010). Esses trabalhos nos ajudam a entender o momento favorável para financiamento e o desenvolvimento de uma arquitetura moderna com características nacionais

Segundo Lores (2017), o principal financiador na arquitetura moderna paulistana foi o BNI (Banco Nacional Imobiliário, fundado em 1945). Sua maior inovação na época foi o chamado “sistema a preço de custo” para construir grandes prédios. Sem dispor de capital Inicial, o banco identificava e reservava terreno, prometendo comprá-lo em até um ano quando encomendaria um projeto ao arquiteto e faria a venda ainda na planta no caso do banco, aos seus próprios clientes poupadores.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento da arquitetura moderna no país, descrito por Somekh (1994), foi a facilidade na realização de uma construção sem ornamentos, característica do movimento moderno.

O modernismo alisou tudo ficou tudo mais fácil e mais econômico. Mesmo porque nessa época não existiam mais os artesãos que pudessem elaborar os ornamentos. O modernismo foi adotado pelo seu menor custo e pela rapidez (SOMEKH, 1994, p.204)

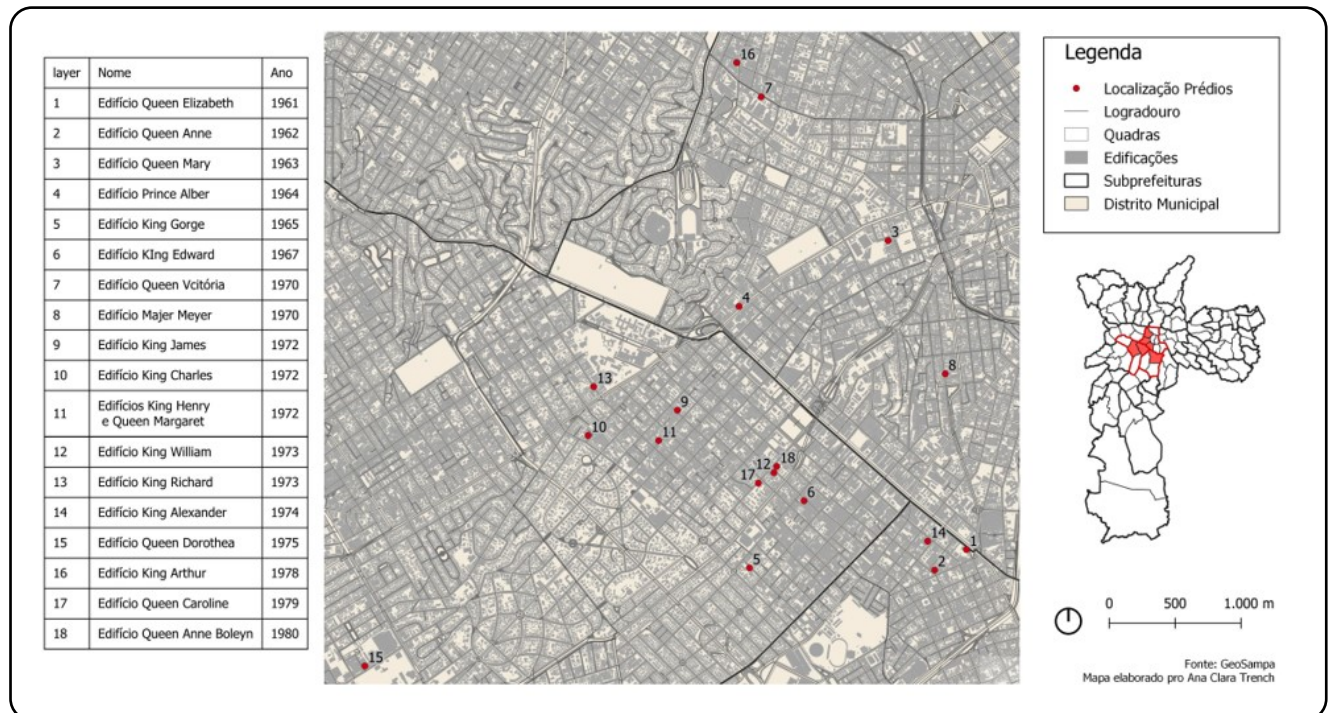


Figura 5. Localização das obras realizadas pela construtora Engelberg Mahler
Fonte: Qgis



Figura 6. Fonte: Google Maps

1 - Edifício Queen Elizabeth

O condomínio residencial Queen Elizabeth é composto por uma torre única. As unidades vão de 150m² a 214m² com 3 e 4 dormitórios



Figura 7. Fonte: Google Maps

2 - Edifício Queen Anne

O condomínio residencial Queen Anne é composto por uma torre única. A unidade é de 155m² com 3 dormitórios



Figura 8. Fonte: Google Maps

3 - Edifício Queen Mary

O condomínio residencial Queen Mary é composto por uma torre única. A unidade é de 150m² com 3 dormitórios



Figura 9. Fonte: Google Maps

4 - Edifício Prince Albert

O condomínio residencial Prince Albert é composto por uma torre única. As unidades vão de 25m² a 70m² com 1 dormitório



Figura 10. Fonte: Google Maps

5- Edifício King George V

O condomínio residencial King George V é composto por uma torre única. A unidade é de 247m² com 4 dormitórios



Figura 11. Fonte: Google Maps

6 - Edifício King Edward VIII

O condomínio residencial King Eduard VIII é composto por uma torre única. As unidades vão de 167m² a 180m² com 2 e 3 dormitórios



Figura 12. Fonte: Google Maps

7-Edifício Majer Meyer

O edifício Majer Meyer foi o único edifício comercial projetado pela construtora Engelberg Mahler. Ele era ocupado por escritórios da indústria farmacêutica Majer Meyer e hoje funciona como faculdade de medicina



Figura 13. Fonte: Google Maps

8- Edifício Queen Victória

O condomínio residencial Queen Vitoria é composto por uma torre única. As unidades vão de 560m² a 980m² com 4 dormitórios



Figura 14. Fonte: Google Maps

9- Edifício King Henry e Queen Margareth

O condomínio residencial King Henry e Queen Margareth é composto por uma torre única. As unidades vão de 130m² a 245m² com 3 e 4 dormitórios



Figura 15. Fonte: Google Maps

10 - Edifício King James

O condomínio residencial King James é formado duas torres semelhantes (A Frente e B Fundo). A unidade é de 220m² com 3 dormitórios



Figura 16. Fonte: Google Maps

11- Edifício King Charles

O condomínio residencial King Charles é composto por uma torre única. A unidade é de 302m² com 4 dormitórios



Figura 17. Fonte: Google Maps

12 - Edifício King William

O condomínio residencial King William é composto por uma torre única. A unidade é de 280m² com 4 dormitórios



Figura 18. Fonte: Google Maps

13 – Edifício King Richard

O condomínio residencial King Richard é composto por uma torre única. A unidade é de 165m² com 3 dormitórios



14 - Edifício King Alexander

O condomínio residencial King Alexander é composto por uma torre única. A unidade é de 180m² com 3 dormitórios

Figura 19. Fonte: Google Maps



15 – Edifício Queen Dorothea

O condomínio residencial Queen Dorothea é composto por uma torre única. A unidade é de 271m² com 4 dormitórios

Figura 20. Fonte: Google Maps



16 – Edifício King Arthur

O condomínio residencial King Arthur é composto por uma torre única. As unidades vão de 230m² a 400m² com 4 dormitórios

Figura 21. Fonte: Google Maps



17 – Edifício Queen Caroline

O condomínio residencial Queen Caroline é composto por uma torre única. A unidade é de 200m² com 4 dormitórios

Figura 22. Fonte: Google Maps



18 – Edifício Queen Anne Boleyn

O condomínio residencial Queen Anne Boleyn é composto por uma torre única. As unidades vão de 225m² a 480m² com 3 dormitórios

Figura 23. Fonte: Google Maps

A trajetória de Jozef Engelberg e Pedro Mahler

Pedro Mahler nasceu em Praga, República Tcheca, em 1928 e Jozef Engelberg nasceu em 1929 em Kotowice, Polônia. Ambos migraram ao Brasil devido à perseguição aos judeus na Europa.

Pedro chegou ao Brasil em 1940 com sua mãe (seu pai chega posteriormente) e a primeira cidade que se instalou foi São Paulo, ele e sua mãe moraram numa pensão. Depois de estudar nos colégios Rodrigues Alves e Pedro Voss, Mahler conseguiu uma bolsa na Universidade Mackenzie devido à função militar de seu pai e entrou para o curso de engenharia em 1949.

Jozef chegou ao Brasil em 1936 com sua mãe e com seu pai e a família residiu 1 ano na cidade do Rio de Janeiro e depois mudaram para a cidade de São Paulo. Engelberg sempre estudou no Mackenzie, desde o colégio até a graduação, em 1949 ele ingressou no curso de Arquitetura. A escolha pela arquitetura se deu pela ligação de Jozef com a pintura e desenho desde o fim do colégio, quando teve aulas com Samson Flexor, um pintor com visão modernista.



Figura 24: Turma do 5° da FAM. Ano:1953

Foto: Felipe Contier, 2022

A amizade entre Pedro e Jozef começou ainda na época do ginásio no Mackenzie. Após formados, a parceria nos negócios começou como um sonho de estudante de abrir um escritório e começar a construir. Pedro vendia materiais de construção e Jozef já havia estagiado no escritório de Oswaldo Bratke e na Construtora Riscala, de Alberto Najib

Riscala. Pedro e Jozef decidiram abrir um escritório, alugaram uma sala na Rua Barão de Itapetininga no Edifício Califórnia, fundaram a construtora Engelberg Mahler e começaram a procurar clientes que tinham interesse em construir, inicialmente eles conseguiram realizar algumas reformas em algumas casas e fazer as primeiras construções, que foram casas próximas ao Aeroporto de Congonhas.

A oportunidade da primeira grande obra realizada pela construtora aconteceu devido a um grupo de incorporadores, que após algumas reuniões, encomendaram um prédio de 21 andares na Avenida Paulista, o Queen Elizabeth (1961).

Sobre o funcionamento da Construtora Engelberg Mahler, ficava a encargo dela o detalhamento da parte de arquitetura, como acabamentos, especificações e etc. A construtora especificava o material e o proprietário do apartamento especificava o tipo, por exemplo, a cor e a paginação dos pisos. A construtora tinha uma visão modernista, as revistas de arquitetura americanas eram uma grande fonte de referências para Engelberg. Eles eram considerados uma construtora de acabamentos de alto nível.

O papel de Jozef era fazer o projeto e a fiscalização, para ele, o fundamento do projeto dos prédios era a planta baixa e a modulação estrutural feita pelo engenheiro (terceirizado) tinha que se encaixar na planta proposta. Já o papel de Pedro, segundo o mesmo, era cuidar da parte comercial, das decisões técnicas de construção e fazer a compatibilização entre os projetos (hidráulica, elétrica e etc), ele era como se fosse um grande gerente que tinha gerentes abaixo dele (engenheiros). No entanto, Engelberg diz se recordar que Mahler fazia somente a parte comercial de comprar e o contato com o cliente.

Como já mencionado, o cálculo da estrutura era terceirizado, a maioria dos empreendimentos foi calculado pelo escritório JKMF (de Julio Kassoy e Mario Franco); as fundações foram calculadas por Zigmund Golombeck na grande maioria dos edifícios; o projeto de elétrica e hidráulica tinha uma variedade grande de projetistas; as empreiteiras que eles trabalhavam também variavam muito.

A construtora tinha um engenheiro para cada obra cuja função era supervisionar a obra. A função de Pedro Mahler era verificar o que tinha sido feito nas obras e fazer as concatenações entre os projetos e fiscalizar os acabamentos (fiscalizar os acabamentos cabia tanto ao arquiteto quanto ao engenheiro). O arquiteto escolhia o acabamento e o engenheiro fiscalizava a aplicação do material. A construtora terceirizava o cálculo da estrutura e tinham a função de fiscalizá-lo na obra

Um ponto que chama a atenção nos edifícios realizados pela construtora é a participação de artistas plásticos que fizeram trabalhos nas áreas comuns dos prédios. Valdemar Cordeiro, fez o projeto de paisagismo da grande maioria dos prédios e Danilo Di Pretti e Caciporé Torres foram os artistas plásticos. A esposa de Jozef Engelberg, Esther possuía uma galeria de arte e então como a construtora possuía uma certa amizade no meio artístico, o contato para encomenda de trabalhos era feito diretamente com os artistas conhecidos. Eles frequentavam muitas vernissages e lá faziam contato com o artista.

A construtora encerrou suas atividades após o fracasso comercial do Edifício Anne Boleyn (1980), onde não conseguiram vender $\frac{3}{4}$ das unidades, a porcentagem necessária para construção. Segundo Mahler, além do fracasso comercial, Engelberg se desinteressou pela construção. Após o fim da parceria, Pedro Mahler continuou com seu escritório, agora somente com seu nome, e trabalhou com o arquiteto Gregório Zulko.



Figura 25: Pedro Mahler em seu escritório

Foto: Felipe Contier 17/05/2022



Figura 26: Jozef Eneglberg em sua casa

Foto: Felipe Contier 24/05/2022

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi realizar um estudo abrangente sobre a arquitetura moderna na cidade de São Paulo, período em que surgiram grandes exemplares de uma arquitetura de qualidade. Durante esse período a construtora Engelberg Mahler, o principal foco dessa pesquisa, foi atuante e realizou diversos edifícios de alta qualidade, que foram documentados neste trabalho.

Além da documentação dos edifícios da construtora Engelberg Mahler, a pesquisa teve como foco também contribuir com um projeto de pesquisa já existente na Universidade Mackenzie sobre os egressos de arquitetura e sua documentação. Apesar de segundo os não entrevistados, não ter restado documentação dos projetos em seus arquivos, pudemos ao menos identificar e registrar cada uma das obras que constam em seu currículo. Esse levantamento poderá contribuir para futuras pesquisas e para a compreensão de um quadro ampliado da arquitetura moderna em São Paulo.

4. REFERÊNCIAS

ALVIM, atb, ABASCAL, ehs, ABRUNHOSA, ec **Arquitetura mackenzie 100 anos fau-mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. São Paulo: Mackenzie, 2017

ANELLI, Renato, **Rino Levi: Arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra, 2020.

BRUAND, Yves, **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981

LORES, Raul, **São Paulo nas alturas: A revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960**. São Paulo: Três Estrelas, 2017

LORES, Raul. Realeza além do nome: os edifícios de Jozef Engelberg e Pedro Mahler. **Veja São Paulo**, São Paulo, 19 de junho de 2020. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/sao-paulo-nas-alturas/realeza-alem-do-nome-os-edificios-de-jozef-engelberg-e-pedro-mahler/>>. Acesso em: 26 de Abril de 2021

MELLO, J. **O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon e perspectiva (1930-1960)**. Doutorado em Arquitetura - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 291. 2010

SOMEKH, Nádía, **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. 2 ed. São Paulo: Mackenzie, 2014

Contatos: lucasmoraes123@icloud.com e felipe.contier@mackenzie.br